

APRESENTAÇÃO

Depois de um número dedicado às relações da poesia com a colagem, procedimento que, ao deslocar-se das artes plásticas para o campo da literatura, produziu uma hibridez de grande impacto, a revista *elyRa* retoma o estudo das relações intermediais e interartísticas, agora com um número consagrado à écfrase, processo – ou rede de processos – que detém inquestionável prestígio e centralidade no discurso interartístico da poesia. Com origem em práticas de descrição vívida que remontam aos textos clássicos, o conceito de écfrase evoluiu ao longo de séculos e veio a designar estratégias discursivas em permanente renovação e problematização. No contexto da poesia moderna e contemporânea, a aplicação dos princípios ecfásticos acabaria por manter um vínculo privilegiado com a experiência do museu, ao trabalhar a dimensão narrativa das obras provenientes do domínio das artes plásticas, das quais acompanha a própria evolução artística. Ao longo dos séculos XX e XXI, a progressiva adopção de técnicas da fotografia, do cinema e do vídeo, bem como a integração dos meios digitais e as produções multimédia ou intermédia têm feito oscilar não apenas as fronteiras das artes, mas também o próprio conceito de écfrase, promovendo a renovação das práticas discursivas nas quais esta última se concretiza. Nesse processo, e como é salientado em alguns dos ensaios aqui reunidos, o limiar entre a écfrase e outros recursos intermediais mais centrados na iconicidade do texto poético, ou na emulação das técnicas de outros campos artísticos, pode tornar-se poroso, assim se abrindo caminho a uma maior fluidez nas relações da poesia com as outras artes.

A abrir o presente número da *eLyra*, é com muito gosto que damos a conhecer textos de Ana Luísa Amaral, Daniel Jonas, Gastão Cruz, Manuel Gusmão e Manuel de Freitas. Nesta secção, o leitor poderá identificar diferentes formas de conceber a relação da escrita com a visualidade. Em alguns casos, os poemas dão a ver determinadas representações visuais através das intensas descrições que delas fazem; noutros casos, não poderíamos sequer reconhecer uma representação matricial, apenas uma forte capacidade de fazer imagem, e este é um aspecto que por certo enriquece o ponto de partida para os percursos reflexivos apresentados nas secções seguintes. No caso de Ana Luísa Amaral e de Daniel Jonas, os textos são acompanhados da reprodução das obras plásticas matriciais; nos outros casos, a imagem (e o termo não é entendido sempre na mesma acepção) permanece ausente, de forma que a possibilidade de visualização fica dependente da mediação verbal e do olhar da mente. Relativamente à imagem de que parte, ou que projecta como matricial, a poesia ecrástica envolve um suplemento (expressivo, reflexivo, ficcional), mas também supõe o reconhecimento de uma falha que constitui um aliciante desafio para a linguagem; e talvez seja ainda isto que nos mostra o trabalho de colagem, de Mathilde Ferreira Neves, a partir de um verso de Paul Éluard.

Segue-se, numa segunda secção, uma série de Notas Críticas que solicitámos a Joana Matos Frias, e que por certo constituem um contributo fundamental para a problematização do princípio ecrástico tanto em diacronia quanto em sincronia. Em “10 aporias”, a investigadora mostra até que ponto a noção de écfrase acusa o impacto de diferentes perspectivas disciplinares, diferentes modos de conceber o processo verbal de fazer imagem e de encarar a relação da palavra com a visualidade e com a ideação da imagem. Na secção seguinte, esta mesma problemática será retomada no âmbito da entrevista concedida por José Gil a Emília Pinto de Almeida. Num diálogo extremamente rico para a compreensão da écfrase enquanto processo intermedial e interartístico, o filósofo identifica um movimento central na relação ecrástica valorizando o espaço-entre, o intervalo, a passagem (entre as artes) e analisa esse ponto de indefinição e passagem colocando-o no cerne do processo criador enquanto princípio mais amplo.

No conjunto dos dez ensaios agora reunidos, o artigo de Carla Miguelote, “Práticas ecrásticas em tempos de intermedialidade: intervenções artísticas na coleção da casa-museu

Eva Klabin”, equaciona a forma através da qual uma prática artística contemporânea, a intervenção de artistas numa dada colecção, tem criado novas formas de écfrase. Centrando-se nas experiências do Projeto Respiração, a autora problematiza as relações entre texto/voz e imagem/obra (relações de substituição, replicação, desvio, iluminação, sobreposição) e a forma como estas reconfiguram, temporal e espacialmente, o museu. O segundo ensaio, “‘Verbivocovisual’: do Futurismo aos experimentalismos poéticos de John Cage na sua série ‘mesóticos’”, de Isabella Cortada Roberta, introduz a questão da exploração da matéria verbal, vocal e visual enquanto articulação que constituiu um factor de grande criatividade para a arte moderna e contemporânea, ao proporcionar articulações novas entre a poesia, a música e as artes visuais, aqui ilustradas através da obra de John Cage. Tangencial ao processo ecfástico, este é um texto que propõe uma articulação ampla com a intermedialidade.

Dois textos exploram as relações entre literatura e Cubismo. O primeiro, “*L’ekphrasis face au cubisme*”, de Marie-Cécile Febvre Flory, aborda o problema da representação, mostrando o eco das práticas plásticas cubistas no campo na literatura no que concerne a écfrase, ora pondo-a em causa, ora renovando-a. O segundo, “A realidade mais viva de Max Jacob”, de Pablo Simpson, apesar de não tratar directamente da écfrase, parte igualmente das intensas contaminações e transferências entre poesia e pintura nas vanguardas de início de século para problematizar a forma através da qual Max Jacob trabalha ideias como “poesia pura”, “alusão”, “insondável”, “revelação” numa estreita relação com a pintura e, logo, com o “dar a ver” da poesia. Em “Proibido tocar – Escrita em Ana Hatherly”, Ana Catarina Milhazes propõe outro percurso de reflexão acerca das relações entre palavra e imagem, acercando-se da obra de uma autora fundamental no panorama poético e artístico português.

Este número conta ainda com dois ensaios que se debruçam sobre a prática ecfástica de Nuno Júdice. O primeiro, “Por outras mãos: a écfrase da écfrase em Nuno Júdice”, de Duarte Drumond Braga, partindo de um poema inédito do poeta, “Mar tempestuoso (erradamente chamado A Vaga)”, equaciona o afastamento da écfrase moderna da noção de mimese através de um processo metapoético: uma “écfrase da écfrase” ou uma écfrase em segundo grau. O segundo, de Egídia Souto, “Nuno Júdice: une

ekphrasis en action – du pinceau au crayon”, explora a profícua relação do poeta com a pintura e, conseqüentemente, o modo através do qual a écfrase aparece como figura por excelência de um pensamento poético.

“Perscrutando a paisagem dos corpos pintados em *A pintura corpo a corpo – os corpos da pintura; pintores pintados* de Manuel Gusmão”, de Sofia Mota Freitas, explora a noção de “mimese generalizada” tal como é desenvolvida em termos teóricos por Manuel Gusmão – que entende a mimese como princípio criativo da matéria geral – com a particularidade de usar o conceito para ler a produção poética ecfástica do autor enquanto poeta. No ensaio seguinte, Telma Scherer, no artigo “*O peixe não segura a mão de ninguém: écfrases de Ricardo Aleixo*”, aborda quatro poemas que apresentam diferentes formas de écfrase (em relação à fotografia e ao cinema), quatro modos de pensar tanto o desvio quanto a cumplicidade entre imagem (presente ou ausente, fixa ou em movimento) e linguagem. O presente número termina com o ensaio “*Eu nunca vi senão prefácios à destruição: a ética da écfrase em Erros Individuais* de José Miguel Silva”, de Vítor Ferreira, que problematiza a écfrase na poesia de José Miguel Silva, encarada não tanto como um modo de “dar a ver” quanto de “dar a pensar”, numa passagem da contemplação estética à meditação ética, sublinhando assim o carácter político desta poesia.

Unindo a criação e a reflexão crítica, a revista *elyra* propõe, assim, mais um percurso de leitura no âmbito das relações interartísticas.

João Pedro da Costa

Rita Novas Miranda

Rosa Maria Martelo